

MOISÉS DE LEMOS MARTINS

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA
COMUNICAÇÃO (SOPCOM) | GESTÃO: ABRIL DE 2009 – MAIO DE 2015

PREFÁCIO.

UMA NOVA FRENTE DE PESQUISA LUSO-BRASILEIRA – A RÁDIO E OS MEIOS SONOROS NA CONSTRUÇÃO DA COMUNIDADE LUSÓFONA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Rádio em Portugal e no Brasil: trajetória e cenários é uma obra que reúne estudos de dois grupos de pesquisa, organizados à escala nacional, no contexto das duas principais associações científicas de Ciências da Comunicação de Portugal e do Brasil, respetivamente, a Sopcom e a Intercom. Trata-se de uma obra organizada por Madalena Oliveira, Professora da Universidade do Minho (Braga, Portugal) e atual coordenadora do Grupo de Trabalho da Sopcom Rádio e Meios Sonoros, e por Nair Prata, Professora da Universidade Federal de Ouro Preto e antiga coordenadora do Grupo de Pesquisa da Intercom Rádio e Mídia Sonora.

A rádio é uma das expressões da contemporaneidade, tendo acompanhado o desenvolvimento da época “das máquinas e das massas”, que são os exatos termos através dos quais Ernst Jünger (1990, p. 108) caracteriza, nos anos trinta, o século XX. Mas o seu estudo, de um modo sistemático e organizado em equipas de pesquisa, dá ainda em Portugal os primeiros passos, quando no Brasil se investiga, deste modo, há mais de duas décadas. Por muito diferentes, todavia, que sejam as origens e os contextos da investigação em rádio, em Portugal e no Brasil, é iniludível a importância que tem esta área para a compreensão da nossa época, e também para o entendimento do que sejam, tanto a sociedade brasileira, como a sociedade portuguesa.

O interesse dos estudos sobre a rádio radica, a meu ver, num conjunto de pressupostos, que esta obra torna manifestos e que passo a enunciar.

1. Vivemos numa sociedade audiovisual. Mas não nos livramos de dois equívocos. É comum referir-mo-nos ao nosso tempo como a era das imagens, mas atribuímos-lhes uma espessura exclusivamente visual. E, por outro lado, reduzimos o audiovisual ao visual. A própria linguagem espelha e alimenta este enviesamento de submetermos o sonoro ao visual: vamos

ao cinema ver um filme ou ficamos em casa a ver televisão, não tendo sequer consciência de que este *ver* inclui inevitavelmente o *escutar*.

Precisamos, pois, de interrogar o som, dado o facto de ele constituir um elemento decisivo na construção de sentido(s) no audiovisual. Como bem refere Michel Chion (1994, p. xxvi), “não vemos a mesma coisa quando ouvimos, e não ouvimos a mesma coisa quando vemos”¹.

2. O som tem capacidades expressivas e integra o atual processo de estetização do quotidiano, concorrendo para a conversão da existência em experiência sensível e emocional. Mas enquanto que a rádio tradicional era sobretudo um lugar de encontro, podemos dizer que a rádio digital (a rádio na era da Internet) é já um lugar melancólico, de sensações frias, por muito que a transformação da rádio na Web (a “radiomorphosis”) possa significar novos conteúdos, uma nova linguagem, novas formas de ouvir o som, com cada internauta a construir a sua própria narrativa sonora.

3. Tem-se desenvolvido muito, nas últimas décadas, a análise das imagens tecnológicas. Uma vez, a análise procede por analogia com a língua. Outras, a análise considera-as em termos autónomos, atendendo ao facto de os objetos produzidos tecnologicamente serem uma realidade separada e autotélica (Martins, 2011). Mas não tem sido assim com os sons que acompanham as imagens, os quais, comparativamente, têm sido muito pouco estudados.

4. As imagens tecnológicas são fluxos de luz, som e sensibilidade. Mas fazemo-las integrar exclusivamente o regime da visão, reduzindo-as a visibilidades, que vivem segundo o paradigma do espaço. Por essa razão, as fixamos num território. E esquecemos que o som das imagens integra o regime auditivo. Porque se trata de uma realidade acústica, o som das imagens vive segundo o paradigma do tempo. Ora, vivendo segundo o paradigma do tempo e da audição, e não sobretudo segundo o paradigma do espaço e da visão, o som é uma metáfora da vida, dizendo a experiência e o novo, pelo que compreende ressonâncias, durações, vibrações, ritmos, cadências, modulações – enfim, o som é a pulsação da vida no tempo.

E se refletirmos sobre a rádio nestes termos, estamos a refletir sobre a precariedade da sua consistência: a rádio diz sobretudo o quotidiano, o imediato, o efémero, o fugaz, o volátil. E, por outro lado, a sua linguagem é a linguagem da experimentação, do que está *in actu*, a nascer.

¹ Sobre a centralidade do som no entendimento da contemporaneidade, propondo uma teoria semiótica que privilegia o escutar por relação ao ver, Rui Coelho defendeu a 6 de julho de 2015, na Universidade do Minho, uma tese de doutoramento em Ciências da Comunicação, intitulada: *O meu ponto de vista é uma escuta. O poder do som nos filmes de Manoel de Oliveira*.

5. O paradigma visual é o paradigma das substâncias, das coisas e dos estados de coisa, é afinal o paradigma do espaço e do território. Para falarmos como McLuhan, o paradigma visual projeta um espaço euclidiano: um espaço enclausurado, controlado, linear e estático, abstraído do mundo que o rodeia. Em contrapartida, o som nada tem de um espaço euclidiano; é um objeto desterritorializado, um objeto em devir, sem centro, apenas com duração e memória.

Por essa razão, a rádio, que sobretudo na era da Internet também é fluxo de luz e sensibilidade, não é um território estabelecido, definido como coisa feita. Participa do ser indeterminado, presente no modo infinitivo dos verbos fluir e ressoar, deslocando-nos do plano das estabilidades (coisas definidas) para o plano das coisas indefinidas, a fazer-se.

Os Estudos de Rádio inscrevem-se, pois, numa leitura alargada sobre a natureza da técnica, podendo ser animados por propostas vindas de Heidegger e Deleuze, que interrogam ambos a “realidade da técnica”, e não propriamente os objetos técnicos, estabilizados como coisas num espaço. A realidade interrogada é a hibridez da técnica, ou seja, é a técnica como animal (“espécie animal”, nas palavras de Mario Perniola), é a liga que mistura orgânico e não orgânico, é o híbrido de humano e não humano, o híbrido de sensibilidade e matéria inorgânica.

É essa a lição a retirar, hoje, da ciber-rádio, por exemplo. Na sua hibridez, de som, palavra e imagem, espelha-se a hibridez que constitui o humano: uma multiplicidade precária de sons, palavras e imagens, um lugar fluido de experimentação, um lugar imprevisível, em mutação, aberto a estratégias de “remediação” (Bolter & Grusin), aberto àquilo a que Jacques Derrida (1967, p. 418), inspirado em *La Pensée Sauvage* de Lévi-Strauss, chama uma “mitopoética”, ou seja, um artesanato, um jogo, um “*bricolage*”, e que compõe o ser que, em travessia, flui e ressoa no tempo, à procura de si.

A meu ver, os Estudos de Rádio podem apoiar-se, com proveito, na figura da “individuação técnica”, proposta por Simondon, Deleuze e Stiegler, entre outros, uma figura que resume esta ideia de o mundo mineral poder ser alimentado pela excitação de uma inversão. Através dessa inversão, os seres humanos são percebidos como coisas e as coisas, por sua vez, são vistas como seres vivos (Deleuze & Guattari, 1972).

A figura da individuação também se estende àquilo a que Deleuze e Guattari (1980, p. 103) chamam “agenciamentos”. Um agenciamento remete para as ligações humanas, produ-las e produz-nos a nós, através

delas. Um agenciamento técnico, por exemplo o agenciamento homem-rádio, por onde circulam fluxos de som, luz e sensibilidade, passa pelos corpos, pelos objetos e pelos enunciados, tal um fluxo, e produ-los como seres híbridos (Martins, 2002, pp.77-102; 2007, pp. 5-7).

Os Estudos de Rádio podem situar-se, com efeito, na passagem de um pensamento preso da individualização, que é substancialista, a um pensamento agilizado pela individuação. Esta passagem sinaliza o percurso de quem conjuga a imagem com o som, deslocando a atenção dada exclusivamente à exterioridade para a atenção virada para a interioridade.

O pensamento preso da individualização é um pensamento substancialista e está sujeito à lógica da identidade, estabilidade e autonomia, valoriza aquilo que na história aparece finalizado em coisa ou estado de coisa, assenta no paradigma da visão e tem um registo epistemológico. É esse o regime em que se situa, habitualmente, a imagem de produção tecnológica.

Por sua vez, o pensamento da individuação inscreve-se na lógica da diferença e valoriza aquilo que na história aparece de um modo não finalizado em coisa ou estado de coisa. Funciona num registo ontológico e assenta no paradigma da audição. É esse o regime do som, um regime que se traduz em vivência, movimento e processo, um regime que se traduz em ressonância, vibração, modulação, ritmo, cadência, relação, tensão, duração e memória.

Rádio em Portugal e no Brasil estabelece uma linha de rumo para os Estudos de Rádio nestes dois países. Dizia Walter Benjamin que o trabalho tem três níveis de elaboração: um nível musical, que é o da composição; um nível arquitetónico, que é o da construção; e por fim, um nível têxtil, que é o da tecelagem. Estas considerações parecem-me exatas para caracterizar esta obra organizada por Madalena Oliveira e Nair Prata. O esforço comum dos investigadores de dois grupos de pesquisa, dos dois lados do Atlântico, permite-nos apreciar a conjugação de perspetivas de análise, por um lado, e a internacionalização da investigação, por outro.

Bastaria esse esforço para assinalar a importância desta obra, no atual contexto de internacionalização dos grupos de investigação e das práticas científicas. Mas o que está em jogo neste volume vai muito mais além, pois que se trata de traçar o modelo de análise de uma realidade nova: *Rádio em Portugal e no Brasil* propõe-se dotar este campo de estudo de um contexto luso-brasileiro de investigação, reflexão e debate.

Ao falarmos de *Rádio em Portugal e no Brasil*, estamos a falar, é certo, de contextos distintos de investigação, no interior de culturas académicas

também distintas, cada uma delas múltipla e cheia de contrastes. Mas estamos a falar, por outro lado, de duas comunidades que se exprimem em língua portuguesa, o que, num contexto globalizado, não pode ser entendido como coisa pouca. Encarar a língua portuguesa como língua de cultura e pensamento é dar-lhe as condições que lhe permitam entrar no processo de produção do conhecimento. E como é responsabilidade de toda a ciência fazer comunidade, pode dizer-se que *Rádio em Portugal e no Brasil* concorre para a construção, não apenas da comunidade científica luso-brasileira, mas também da comunidade científica lusófona, que compreende também os países africanos de língua portuguesa, contrariando a visão de um mundo monocolor, um mundo globalizado, hegemonicamente falado em inglês.

Com efeito, *Rádio em Portugal e no Brasil: trajetória e cenários* é uma obra que realiza a tarefa de dar oportunidades ao conhecimento em língua portuguesa, constituindo um contributo importante no processo de construção de uma comunidade científica lusófona múltipla, uma comunidade todavia com o sentido do humano, que é sempre uma comunidade com o sentido do debate e da cooperação, no respeito pela diversidade e pela diferença entre as culturas.

Braga, Portugal, maio de 2015

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Chion, M. (1994). *Audio-Vision: Sound on Screen*. New York: Columbia University Press.
- Coelho, R. (2015). *O meu ponto de vista é uma escuta. O poder do som nos filmes de Manoel de Oliveira*. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação. Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1972). *L'Anti-Oedipe*. Paris: Éditions de Minuit.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1980). *Mille Plateaux*. Paris: Éditions de Minuit.
- Derrida, J. (1967). *L'Écriture de la Différence*. Paris: Éditions du Seuil.
- Jünger, E. (1990). *La Mobilisation Totale. L'Etat Universel – suivi de La Mobilisation Totale*. Paris: Gallimard [1930].

- Martins, M. L. (2002). *A Linguagem, a Verdade e o Poder. Ensaio de Semiótica Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Martins, M. L. (2007). Nota Introdutória. A época e as suas ideias. *Comunicação e Sociedade*, 12, 5-7.
- Martins, M. L. (2011). *Crise no castelo da cultura. Das estrelas para as telas*. São Paulo: Annablume.